

O desejo desordenado de ciência dos nossos primeiros pais, provocado pela soberba, os fez cair, causando-lhes a perda do dom da integridade. Como consequência, a natureza humana tornou-se presa não só da concupiscência como até mesmo da ignorância.¹

Desde então, o homem passou a necessitar de esforço para adquirir o conhecimento de si próprio, do mundo que o rodeia e de seu inter-relacionamento. Embora conservando seu caráter natural de conhecimento, que consiste em alcançar o inteligível por meio do sensível, seu intelecto foi de algum modo ferido pelo pecado original. A partir desse momento, atingir a verdade do ser, demanda esforço.²

Entretanto, ainda que permanecesse no estado paradisíaco, não bastaria ao homem um mero empenho natural para chegar às verdades sobrenaturais de ordem superior. São Tomás esclarece que, para isso, é necessária a luz da graça acrescentada à natureza.³

Conforme recorda o dominicano Marín-Sola, decorrem daí duas vias para a elaboração do pensamento teológico-dogmático: a do raciocínio e experiência, ou seja, a via especulativa, da *ciência dos sábios*; e a via mística, da *ciência dos santos*, ambas só percorriáveis à luz da autoridade infalível da Igreja e assistidas pelo Espírito Santo,⁴ fontes de toda a verdade.

Apesar de ambas as vias se revestirem de importância, mesmo se dissociadas, não é raro ter maior força e luminosidade a doutrina explicitada pelos que vivem em função, não apenas da ortodoxia, mas também da ortopraxis cristã. Foi assim que os Doutores da Igreja se tornaram receptáculos de um conhecimento proveniente da ascética (estudo) e mística (contemplação) que os tornou instrumentos do Paráclito, passíveis de explicitar a riqueza dos mistérios da Fé cristã de forma mais arrebatadora e clara.

1) Cf. S. Th. II-II q. 163-164 e I-II; q.82 a.3 sol. 3.

2) Cf. S. Th. I q. 101 a.1.

3) Cf. S. Th I-II q.109 a.1: "quod dicitur *lumen gratiae*, in quantum est naturae superadditum".

4) Cf. MARÍN-SOLA, F. OP. *La evolución homogénea del Dogma Católico*. Madrid: Bac, 1952, p. 395-409.

São numerosas as doudas e elevadas dissertações redigidas por contemplativos, muitas vezes sem grandes estudos. Os escritos de uma Santa Teresinha do Menino Jesus, por exemplo, com seu alto valor teológico e filosófico, enriquecem o acervo da Igreja, de forma análoga à obra de um São Gregório Magno. Nos dois casos encontramos elevações de espírito cuja origem não pode ser procurada em um simples estudo e esforço intelectual, desprovido de muita oração, meditação e prática da virtude. Quando se procura viver configurado com Deus, a consideração de algo passa a proceder não somente da visão do teólogo ou filósofo, mas d'Aquele no qual se crê; o *lumen* natural do intelecto é então reforçado pela infusão da luz da graça.⁵

Porém, aquele que busca o puro conhecimento, desdenhando a prática da virtude e a observância da Lei de Deus, terá uma verdade sujeita às limitações naturais da razão e maiores possibilidades de engano, bem como a inconstância do coração. A tal propósito, São Paulino escreveu certo dia a Jovio, amigo do estudo, mas avesso à vida espiritual com o pretexto de falta de tempo, repreendendo-o: “Tens tempo para ser filósofo e não o tens para ser cristão!”⁶

Assim como o esforço racional sem o auxílio de uma autêntica vida cristã, cria condições menos favoráveis para a aquisição de um aprofundado e acertado conhecimento (e, note-se, mesmo no referente às ciências naturais), também a transmissão teológica se verá privada em algo da verdadeira eficácia, caso o mestre não se torne ele próprio o exemplo daquilo que ensina. Como dizia São Bernardo:

Terão força as vossas palavras, desde que os ouvintes estejam persuadidos de que muito primeiro começastes a praticar o que pregais aos outros. Mais força tem o pregão das obras que a voz da boca.⁷

Para melhor servirmos à Igreja e ao Povo de Deus, como instrumentos úteis na Evangelização e no ensino, necessitamos ser, ademais de filósofos e teólogos, sobretudo, pessoas que saibam conciliar a ciência e o conhecimento com a Fé e a vida de piedade. Conforme observou de maneira penetrante o então cardeal Ratzinger, é necessário um especial empenho em “lidar de ma-

5) Cf. S. Th. I-I Q. 12 a. 13.

6) “*Vacat tibi ut philosophus sis; non vacat ut christianus sis?*” (Ep. ad Jovium).

7) Apud LIGÓRIO, Santo Afonso Maria de. *A Selva*. Porto: Fonseca, 1928, p.70.

neira dialógica com a fé e a filosofia, pois ambas precisam uma da outra. A razão sem a fé não é saudável, a fé sem a razão não se torna humana”.⁸

Nossa revista acadêmica deve primar sempre por uma indefectível adesão a esse modelo harmonioso, veiculando e promovendo um conhecimento portador de espiritualidade, e uma espiritualidade densa de elevadas considerações, de modo a alimentar a alma e a instigar um amor sempre crescente a Deus.

Que o Espírito Santo conceda, por intercessão de Maria Santíssima, *Sedes Sapientiae*, neste primeiro aniversário da *Lumen Veritatis*, a graça desta revista manter-se inabalavelmente fiel a essa linha editorial, e sempre mais nela progrida e floresça.

Mons. João Scognamiglio Clá Dias

8) RATZINGER, Joseph. *Fé, Verdade Tolerância*. Lisboa: UCEDITORIA, 2007, p.124.